

RICHARD DAWKINS

# Fome de saber

*A formação de um cientista — Memórias*

*Tradução*

Érico Assis



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Richard Dawkins Ltd.

Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

As passagens de *Henrique IV* (p. 125) e *A tempestade* (p. 182), de William Shakespeare, foram extraídas respectivamente dos volumes *Dramas históricos: Teatro completo* e *Comédias: Teatro completo*, ambos traduzidos por Carlos Alberto Nunes e publicados pela Agir em 2008.

*Título original*

An Appetite for Wonder: The Making of a Scientist — A Memoir

*Capa*

Claudia Espínola de Carvalho

*Foto de capa*

The LIFE Images Collection/ Getty Images

*Preparação*

Percival de Carvalho

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Thaís Totino Richter

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Dawkins, Richard

Fome de saber: a formação de um cientista: memórias/Richard Dawkins; tradução Érico Assis. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Título original: An Appetite for Wonder: The Making of a Scientist: A Memoir

ISBN 978-85-359-2583-8

1. Cientistas – Grã-Bretanha – Biografia 2. Dawkins, Richard, 1941 – Infância e juventude 3. Etólogo – Grã-Bretanha – Biografia I. Título.

15-02348

CDD-509.2

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Cientistas: Biografia e obra 509.2

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# Sumário

De genes e capacetes coloniais.....	11
Quênia: de acampamento em acampamento .....	36
A terra do lago.....	50
Águia nas montanhas.....	70
Adeus à África .....	78
Sob o campanário de Salisbury .....	88
“E o verão inglês se foi” .....	113
O campanário às margens do Nene .....	122
Campanários sonhadores .....	153
Aprendendo o ofício .....	176
Tempo de sonhos na costa oeste.....	211
Consertos de computador .....	219
A gramática do comportamento .....	247
O gene imortal .....	262
O caminho trilhado .....	291
<i>Agradecimentos</i> .....	299
<i>Créditos de excertos</i> .....	301
<i>Créditos das imagens</i> .....	303
<i>Índice remissivo</i> .....	305

# De genes e capacetes coloniais

“Muito prazer, Clint.” O simpático agente alfandegário não sabia que, entre os britânicos, às vezes o primeiro nome vem da família e o segundo é o que os pais pretendem que o filho de fato utilize. Serei sempre Richard, assim como meu pai sempre foi John. Nosso primeiro nome, Clinton, era uma coisa que se costumava esquecer, tal como fora a intenção de nossos progenitores. Para mim, não passa de um incômodo que eu dispensaria com prazer (não obstante o fortúnio de me dar as mesmas iniciais de Charles Robert Darwin). Mas, enfim, era impossível prever as diretrizes do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos. Não contentes em inspecionar nossos calçados e racionar nosso creme dental, eles decretaram ainda que todo aquele que intencione entrar nos Estados Unidos use durante a viagem o primeiro nome, exatamente como está escrito no passaporte. De modo que, ao comprar as passagens para o país, tive de renunciar à minha identificação vitalícia como Richard para me reconstituir Clinton R. Dawkins — assim como fiz ao preencher aqueles importantíssimos formulários: aqueles que exigem que você ne-

gue expressamente desejar ingressar nos Estados Unidos para derrubar o governo por força armada. (“Propósito exclusivo da visita”, respondeu o radialista britânico Gilbert Harding ao preencher um desses; hoje em dia tal leviandade deixaria o sujeito em maus lençóis.)

Clinton Richard Dawkins, portanto, é o nome que consta em minha certidão de nascimento e passaporte, assim como meu pai era Clinton John. Só que ele não foi o único C. Dawkins cujo nome saiu no *Times* como pai de um garoto nascido em março de 1941 na Clínica Eskotene, em Nairóbi. O outro era o reverendo Cuthbert Dawkins, um missionário anglicano sem parentesco com nossa família. Minha mãe recebeu, estupefata, uma chuva de congratulações de bispos e clérigos da Inglaterra, todos desconhecidos dela mas ainda assim muito gentis em invocar as bênçãos de Deus sobre o filho recém-nascido. Não há como saber se as bênçãos que se extraviaram do filho de Cuthbert surtiram algum efeito benéfico em mim, mas o fato é que ele seguiu os passos missionários do seu pai e eu segui os de biólogo do meu. Minha mãe brinca até hoje que eu bem posso ter sido trocado. Folgo em dizer que não apenas a semelhança física com meu pai assegurava que não fui, como também o fato de eu nunca ter me sentido destinado à Igreja.

O nome Clinton entrou na família Dawkins quando meu tetravô Henry Dawkins (1765-1852) se casou com Augusta, filha do general Sir Henry Clinton (1738-95), o qual, quando comandante-chefe das forças britânicas de 1778 a 1782, foi em parte responsável pela derrota da Grã-Bretanha na Guerra da Independência dos Estados Unidos. As circunstâncias do casamento tornam o acréscimo de seu nome à família Dawkins um ato um tanto quanto atrevido. O trecho a seguir vem da história da Great Portland Street, rua onde morava o general Clinton.

Em 1788, sua filha fugiu para casar-se dentro de um coche de aluguel com o sr. Dawkins, que despistou os perseguidores contraindo mais meia dúzia de coches e dispoñdo-os nas esquinas da rua que dava na Portland Place e orientando cada cocheiro a disparar numa direção diferente.\*

Quería poder reclamar esse adorno do brasão familiar como inspiração para Lord Ronald de Stephen Leacock, que “pulou sobre seu cavalo e saiu galopando loucamente em todas as direções”. Também quero pensar que herdei parte da desenvoltura de Henry Dawkins, para não mencionar seu fervor. Mas isso é improvável, dado que só uma 32ª parte do meu genoma deriva dele. Fora que uma 64ª parte vem do próprio general Clinton, e jamais demonstrei nenhum sinal de inclinação militarista. *Tess d’Urbervilles* e *O cão dos Baskerville* não são as únicas obras de ficção que suscitam “retrocessos” hereditários a ancestrais longínquos, esquecendo que a proporção de genes compartilhados é dividida ao meio a cada geração e por isso se extingue exponencialmente — ou assim seria se não fosse o casamento entre primos, que se torna mais frequente quanto mais distante for o parentesco primal, de modo que somos todos mais ou menos primos distantes.

Há um fato notável que você pode comprovar sem nem se levantar da poltrona: se você voltar o bastante numa máquina do tempo, todo indivíduo que der na sua vista e tiver descendentes humanos vivos deverá ser ancestral de todas as pessoas vivas hoje. Caso sua máquina do tempo tenha viajado o suficiente ao passado distante, todos que você encontra são ancestrais ou de todas as pessoas vivas em 2014 ou de ninguém. Seguindo o método do *reductio ad absurdum*, tão amado pelos matemáticos,

\* Henry Benjamin Wheatley e Peter Cunningham, *London Past and Present*. Londres: John Murray, 1891. 2 v., p. 109.

pode-se ver que isso é inegável em relação a nossos ancestrais píceos do Devoniano (o meu peixe é obrigatoriamente o mesmo peixe que o seu, pois seria absurdo que os descendentes do seu peixe e os descendentes do meu peixe tenham permanecido castos por 300 milhões de anos e mantido até hoje a capacidade de procriar). A única pergunta é o quanto você precisa voltar para aplicar esse raciocínio. Por certo não precisa chegar aos antepassados ictíicos, mas quanto? Bem, num cálculo rápido e grosseiro, posso dizer que, se a rainha da Inglaterra descende de Guilherme I, é bem provável que meus leitores britânicos também sejam descendentes dele (e — excluída alguma remota improbabilidade — eu também, assim como todo indivíduo de pedigree registrado).

O segundo filho de Henry e Augusta, Clinton George Augustus Dawkins (1808-71), foi um dos poucos Dawkins que chegaram a usar o nome Clinton. Tenha ele herdado ou não o fervor do pai, quase o perdeu em 1849 durante o bombardeio austríaco a Veneza, onde Henry era o cônsul britânico. Tenho entre minhas posses uma bala de canhão repousando sobre um pedestal com uma placa de metal que registra uma dedicatória. Não sei de quem é a voz autoral e não sei o quanto é confiável, mas, seja como for, aqui vai minha tradução (do francês, então idioma oficial da diplomacia):

Uma noite, na cama, uma bala de canhão perfurou as cobertas e passou entre suas pernas, felizmente sem lhe causar nenhum dano sério. De início achei que fosse história da carochinha, até vir a descobrir, sem margem para dúvida, que era a mais pura verdade. Um colega seu, um suíço, encontrou-o mais tarde em meio ao cortejo fúnebre de um cônsul norte-americano. Ao ser questionado pelo colega, ele confirmou tudo aos risos e observou que era exatamente por esse motivo que mancava.

Essa ocasião em que as partes vitais do meu ancestral se safaram por pouco foi antes de ele ter chegado a utilizá-las, e fico tentado a atribuir minha existência a um golpe de sorte balística. Por alguns centímetros, eu não estaria aqui... O fato é que a minha existência, a sua e a do carteiro pendem todas por um fio de sorte ainda mais delgado. Devemos nossa existência à precisa combinação no tempo e no espaço de tudo que já aconteceu desde o princípio do universo. O incidente da bala de canhão é só um exemplo dramático de um fenômeno muito mais geral. Como já expus alhures, se o segundo dinossauro à esquerda da cicadófito não tivesse espirrado e, assim, tivesse conseguido pegar o minúsculo semimusarinho ancestral dos mamíferos, nenhum de nós estaria aqui. Todos podemos nos considerar formidavelmente improváveis. Mas, num triunfo retrospectivo, aqui estamos.

O segundo filho de C. G. A. Dawkins (o “Bala de Canhão”), (futuro Sir) Clinton Edward Dawkins (1859-1905), foi um dos vários Dawkins a estudar no Balliol College, em Oxford. Passou por lá no momento certo para ser imortalizado nas rimas Balliol,\* publicadas originalmente num panfleto chamado *The Masque of Balliol*, em 1881. Na primavera daquele ano, sete graduandos compuseram e imprimiram versos difamatórios a respeito de grandes figuras da faculdade. O mais famoso é o que celebra o diretor de Balliol, Benjamin Jowett, composto por H. C. Beeching, então futuro decano da Catedral de Norwich:

*First come I, my name is Jowett.*

*There's no knowledge but I know it.*

\* *Balliol rhyme* é uma forma irregular de versificação, associada ao Balliol College, com uma métrica peculiar e tema quase sempre centrado em uma pessoa. (N. E.)



*I am Master of this College,  
What I don't know isn't knowledge.\**

Menos espirituosos, mas para mim intrigante, são os versos sobre Clinton Edward Dawkins:

*Positivists ever talk in  
Such an epic style as Dawkins;  
God is naught and Man is all,  
Spell him with a capital.\*\**

Livres-pensadores não eram comuns no período vitoriano. Queria ter conhecido meu tio-bisavô Clinton (em criança cheguei a conhecer duas de suas irmãs mais novas, já velhinhas, uma das quais tinha duas arrumadeiras chamadas — estranhei a convenção de usar sobrenomes — Johnson e Harris). E o que dizer desse “tom épico”?

Creio que foi Sir Clinton quem viria a subsidiar meu avô, seu sobrinho Clinton George Evelyn Dawkins, para matricular-se em Balliol — onde, ao que parece, ele fez pouco além de remar. Há uma fotografia (reproduzida no primeiro caderno de imagens) de meu avô no rio, preparando-se para remar, que evoca maravilhosamente o alto verão edwardiano em Oxford. Poderia servir de cenário para o *Zuleika Dobson*, de Max Beerbohm. Os convidados enchapelados estão todos de pé na barcaça da faculdade, a casa flutuante que todo clube universitário de canoagem possuía até não muito tempo atrás. É uma pena que tenham sido substituídas pelos atracadouros atuais, de alvenaria, utilitários.

\* Em tradução livre: “Primeiro venho eu, meu nome é Jowett./ Não há saber, mas disso eu sei./ Sou diretor desta faculdade,/ O que eu não sei não é saber”. (N. T.)

\*\* Em tradução livre: “Os positivistas são de falar/ Em tom épico como o de Dawkins;/ Deus é nada e o Homem é tudo,/ Que se lhe atribua a maiúscula”. (N. T.)

(Uma ou duas dessas barcaças continuam em uso ainda hoje — se não em água, pelo menos em terra — como barcos-casas, tendo sido rebocadas para seu descanso aquático nos remansos e rios dos arredores de Oxford, entre galinhas-d’água e mergulhões.) É gritante a semelhança de aparência entre meu avô e dois de seus filhos, meu pai e meu tio Colyear. As semelhanças entre familiares me fascinam, embora tendam a se dissipar com o avançar das gerações.

Meu avô adorava Balliol e armou um esquema para ficar por lá muito além do período permitido a um graduando — só para continuar na canoagem, suspeito. Quando eu o visitava, ele já idoso, a faculdade era o assunto principal, e ele sempre perguntava se ainda usávamos as gírias edwardianas (mesmo que eu já tivesse explicado várias vezes que não): “mugger” no lugar de “master” [diretor], “wagger pagger” no lugar de “wastepaper basket” [cesta de lixo]; “Magers’ Memogger” no lugar de “Martyrs’ Memorial” [Memorial dos Mártires] — a cruz em frente a Balliol, erguida em homenagem aos três bispos anglicanos queimados vivos em Oxford no ano de 1555 por seu vínculo ao sabor equivocado do cristianismo.

Uma de minhas últimas lembranças com o avô Dawkins é a de levá-lo a seu último Gáudio Balliol (o jantar de reencontro de antigos estudantes, com uma turma de idade diferente a cada ano). Cercado de antigos camaradas empurrando andadores e ornamentados com corneta acústica e pincenê, ele foi reconhecido por um que se permitiu o sarcasmo óbvio: “Opa, Dawkins. Ainda remando pelo Clube Leander?”. Ao deixá-lo, notei nele certa expressão de desamparo entre os rapazes da velha guarda. Alguns deles decerto haviam lutado na Guerra dos Bôeres e eram, portanto, os devidos homenageados do famoso poema de Hilaire Belloc “Aos homens de Balliol ainda na África”:

*Years ago, when I was at Balliol,  
Balliol men — and I was one —  
Swam together in winter rivers,  
Wrestled together under the sun.  
And still in the heart of us, Balliol, Balliol,  
Loved already, but hardly known,  
Welded us each of us into the others:  
Called a levy and chose her own.  
Here a House that armours a man  
With the eyes of a boy and the heart of a ranger  
And a laughing way in the teeth of the world  
And a holy hunger and thirst for danger:*

*Balliol made me, Balliol fed me,  
Whatever I had she gave me again:  
And the best of Balliol loved me and led me.  
God be with you, Balliol men.\**

Foi com muita dificuldade que li esse poema no funeral de meu pai, em 2011, e mais uma vez no ano seguinte em um panegírico a Christopher Hitchens, outro homem de Balliol, na Convenção Ateísta Global, em Melbourne. Com muita dificuldade porque, mesmo em ocasiões mais alegres, lacrimejo com uma facilidade vergonhosa ao recitar um poema amado, e esse de Belloc em especial é um dos mais humilhantes.

\* Em tradução livre: “Há muitos anos, quando estava eu em Balliol,/ Os homens de Balliol — eu entre eles —/ Nadávamos juntos em rios invernais,/ Digladiávamos juntos sob o sol./ E ainda em nossos corações, Balliol, Balliol,/ Já amada, mas tão saudosa,/ Fundiu-nos todos uns aos outros:/ Fez a recruta e escolheu os seus./ Esta é a casa que encouraça o homem/ Com olhos de menino e coração de caçador/ E um jeito risonho à beira do abismo/ E com fome sagrada e sede de perigo:// Balliol me fez, Balliol me nutriu,/ Tudo que eu tinha ela me deu de novo:/ E o melhor de Balliol me amou e me conduziu./ Deus esteja convosco, homens de Balliol”. (N. T.)

Depois de deixar Balliol, meu avô fez carreira, assim como muitos de minha família, no Serviço Colonial. Foi nomeado conservador de florestas no seu distrito da Birmânia, onde passou longos períodos em pontos remotos das florestas de madeira de lei, supervisionando o trabalho pesado executado por elefantes lenhadores de notável destreza. Em 1921, estava embrenhado entre árvores de teca quando lhe chegou a notícia — gosto de imaginar que foi entregue por um mensageiro levando, numa das mãos, a carta e, na outra, uma forquilha — do nascimento de seu filho mais novo, Colyear (batizado em homenagem a Lady Juliana Colyear, mãe do audaz Henry, aquele que fugira para se casar com Augusta Clinton). Ficou tão eufórico que, sem aguentar esperar outro transporte, percorreu oitenta quilômetros de bicicleta para estar junto à cama de sua esposa, Enid, onde opinou com orgulho que o novo menino tinha “narizinho de Dawkins”. Psicólogos evolucionistas já notaram a avidez com que bebês recém-nascidos são vistoriados em busca de semelhanças com o lado paterno, mais do que com o materno — pelo motivo óbvio de ser mais difícil estar seguro da paternidade que da maternidade.

Colyear era o caçula e John, meu pai, o mais velho de três irmãos. Todos nasceram na Birmânia — quando bebês, atravessavam a selva dentro de cestos presos em varas seguradas por carregadores cuidadosos —, e todos seguiram os passos do pai rumo ao Serviço Colonial, mas em três regiões distintas da África: John na Niassalândia (atual Malawi), o irmão do meio, Bill, em Serra Leoa, e Colyear em Uganda. Bill foi batizado Arthur Francis em homenagem a seus dois avôs, mas era sempre chamado de Bill por conta da semelhança, quando criança, com Bill, o Lagarto, o personagem de Lewis Carroll. John e Colyear eram parecidíssimos quando jovens, a ponto de, um belo dia, alguém interpelar John na rua e lhe perguntar: “Você é você ou seu irmão?”. (A história é verídica, o que já não se pode dizer da famosa lenda de que

W. A. Spooner, o diretor de minha faculdade atual em Oxford, cujos desastres oratórios deram origem ao termo “spoonerism”,\* certa vez cumprimentou um jovem no pátio com a pergunta: “Deixe-me perguntar, nunca me lembro: foi você ou seu irmão que morreu na guerra?”.) Com o avançar da idade, Bill e Colyear começaram a ficar mais parecidos um com o outro (e também com o pai), ao contrário de John, pelo menos a meus olhos. É comum que as semelhanças familiares apareçam e desapareçam em vários estágios da vida, um dos motivos por que as considero fascinantes. É fácil esquecer que os genes continuam a exercer seus efeitos ao longo da vida, não apenas durante o desenvolvimento embrionário.

Não houve irmã, para a decepção de meus avós, que haviam guardado para a criança mais jovem o nome Juliana, mas precisaram se contentar com o fidalgo sobrenome dela. Os três irmãos tinham talentos. Colyear era o mais inteligente em termos acadêmicos, e Bill, o mais atlético; tive o orgulho de ver o nome dele no rol dos notáveis do colégio em que estudei mais tarde, como recordista da corrida de cem metros — capacidade que sem dúvida lhe serviu bem no rúgbi quando marcou um ousado *touchdown* para o Exército contra a equipe da Grã-Bretanha, no início da Segunda Guerra Mundial. Não puxei a energia atlética de Bill, mas gosto de acreditar que aprendi a pensar em ciência com meu pai e a explicá-la com meu tio Colyear. Colyear se tornou *don* de Oxford após deixar Uganda e foi muito venerado como brilhante professor de estatística, assunto notoriamente difícil de transmitir aos biólogos. Morreu cedo demais, e a ele dediquei um de meus livros, *O rio que saía do Éden*,

\* Troca inusitada dos fonemas iniciais de duas palavras, seja por acidente, seja por trocadilho deliberado (por exemplo, de “bola de gude” para “gula de bode”). (N. E.)

nos seguintes termos: “À memória de Henry Colyear Dawkins (1921-92), *fellow*\* do St. John’s College, Oxford: mestre na arte de deixar as coisas claras”.

Os irmãos morreram na ordem inversa de idade, e tenho imensa saudade de todos. No funeral de Bill, meu padrinho e tio, depois de ele falecer aos 93 anos, em 2009, fiz o discurso fúnebre.\*\* Tentei transmitir a ideia de que, embora houvesse muito de ruim no Serviço Colonial Britânico, o que era bom era muito bom; e Bill, assim como os dois irmãos, e assim como Dick Kettlewell, que mencionarei mais à frente,\*\*\* estava entre os melhores.

Se é possível dizer que os três irmãos seguiram os passos do pai rumo ao Serviço Colonial, tiveram herança similar também pelo lado da mãe. O avô materno, Arthur Smythies, foi conservador-chefe de florestas em seu distrito na Índia; seu filho Evelyn tornou-se conservador-chefe de florestas no Nepal. Foi a amizade de meu avô Dawkins com Evelyn, forjada quando ambos estudavam silvicultura em Oxford, que o levou a conhecer e se casar com a irmã de Evelyn, Enid, minha avó. Evelyn foi o autor de um livro célebre, *India’s Forest Wealth* [A pujança das florestas indianas], lançado em 1925, além de várias obras de referência sobre filatelia. Lamento dizer que a esposa dele, Olive, era afeiçoada à caça de tigres e publicou um livro chamado *Tiger Lady*. Há uma foto dela pisando sobre um tigre, usando um chapéu de safári, com o marido dando um tapinha orgulhoso no ombro dela. A legenda: “Assim que se faz, pequena mulher”. Não acho que ela faria meu tipo.

\* Em âmbito acadêmico, o *fellow* é um “companheiro intelectual”, membro de um grupo de elite da universidade. Realiza pesquisas em cooperação com os outros *fellows* e desfruta de certos benefícios, que podem ir desde o direito de fazer refeições gratuitas à mesa principal da instituição até um estipêndio. (N. E.)

\*\* Ver o apêndice para a web: <[www.richarddawkins.net/afw](http://www.richarddawkins.net/afw)> (em inglês).

\*\*\* Cujo obituário escrevi: ver o apêndice para a web.

O filho mais velho de Olive e Evelyn, o taciturno Bertram “Billy” Smythies, primo em primeiro grau de meu pai, também participou do serviço florestal da Birmânia e depois de Sarawak: escreveu as obras de referência *Birds of Burma* [Pássaros da Birmânia] e *Birds of Borneo* [Pássaros de Bornéu]. O último tornou-se uma espécie de bíblia para o escritor viajante (e nem um pouco taciturno) Redmond O’Hanlon em sua hilária jornada *Into the Heart of Borneo* [Rumo ao coração de Bornéu] com o poeta James Fenton.

O irmão mais novo de Bertram, John Smythies, fugiu à tradição familiar e tornou-se neurocientista de renome, autoridade em esquizofrenia e em drogas psicodélicas, tendo residido na Califórnia e por ali levado o crédito de inspirar Aldous Huxley a tomar mesalina e purificar suas “portas da percepção”. Recentemente pedi seu conselho sobre a gentil proposta de um amigo para me orientar numa viagem de LSD. Ele foi contra. Yorick Smythies, outro primo em primeiro grau de meu pai, foi devoto amanuense do filósofo Wittgenstein.\* Peter Conradi, na biografia que escreveu da romancista Iris Murdoch, identifica Yorick como o “tolo sagrado” em quem ela baseou um de seus personagens de *Sob a rede*, Hugo Belfounder. Devo dizer que é difícil notar a semelhança.

Yorick queria ser motorista de ônibus, mas, ressaltou [Iris Murdoch], foi o único na história da empresa de transportes a rodar na prova teórica [...]. Durante sua única aula prática, o instrutor saiu do carro enquanto Yorick subia e descia a calçada.

Sem ter conseguido se firmar como motorista de ônibus, e já dissuadido da carreira filosófica por Wittgenstein (e por muitos dos pupilos dele), Yorick foi trabalhar como bibliotecário no de-

\* <<http://wab.uib.no/ojs/agora-alws/article/view/1263/977>>.

partamento de silvicultura de Oxford, o que aparentemente foi seu único vínculo com a tradição familiar. Tinha hábitos excêntricos, era dado ao rapé e ao catolicismo romano e teve uma morte trágica.

Parece que foi Arthur Smythies, avô dos primos Dawkins e Smythies, o primeiro da minha família a ingressar no serviço imperial. Seus ancestrais paternos haviam sido todos clérigos anglicanos, sem exceção ao longo das sete gerações até o hexavô (o reverendo William Smythies, nascido na década de 1590). Creio que não seria improvável, tivesse vivido nos séculos deles, também eu virar clérigo. Sempre me interessei pelas questões profundas da existência, as questões a que a religião aspira a responder (e não consegue), mas tenho a sorte de viver num período em que essas questões ganham respostas científicas em vez de sobrenaturais. De fato, meu interesse pela biologia conduziu-se sobretudo por questionamentos quanto às origens e à natureza da vida, e não pelo amor à história natural — como é o caso da maioria dos jovens biólogos a quem já dei aulas. Pode-se dizer inclusive que frustrei a tradição familiar da devoção pelas atividades ao ar livre e pela história natural em campo. Num breve texto memorialista publicado numa antologia de ensaios autobiográficos de etólogos, escrevi:

Era para eu ter sido um naturalista mirim. Tinha tudo a meu favor: não só a ambientação perfeita da África tropical, mas também o encaixe perfeito dos genes. Já há muitas gerações que as pernas bronzeadas dos Dawkins vêm dando suas passadas largas em shorts cáqui pelas selvas do Império. Assim como meu pai e seus dois irmãos mais novos, eu já nasci com um capacete colonial na cabeça.\*

\* Richard Dawkins, “Growing Up in Ethology”. In: Lee Drickamer e Donald Dewsbury (Orgs.). *Leaders in Animal Behavior*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.